



Universidade de São Paulo
Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

2006

Loulou Cherinet

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/50390>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

27a. BIENAL DE SÃO PAULO **COMO VIVER JUNTO [HOW TO LIVE TOGETHER]**

curadora geral [chief curator]
co-curadores [co-curators]

curador convidado [guest curator]

Lisette Lagnado
Adriano Pedrosa
Cristina Freire
José Roca
Rosa Martínez
Jochen Volz

LOULOU CHERINET Gotemburgo, Suécia [Sweden], 1970; vive em [lives in] Estocolmo *White women* [Mulheres brancas] 2002 DVD 52 min coleção da artista [artist's collection]

[Helouise Costa e Lisette Lagnado] Você diria que *White women* [Mulheres brancas] (2002) é mais sobre sexismo ou mais sobre racismo? Eu diria racismo, mas pensando bem eu costumo misturar as coisas. Quem foi que disse que a “mulher é o crioulo do mundo”? Um branco, não foi? **O modernismo é uma falsa questão para artistas africanos?** Não sei se entendi o que vocês querem dizer com o modernismo como *uma questão...* Mas tudo bem, talvez a sua pergunta pressuponha que o modernismo seja uma reação européia a um contexto europeu, e portanto de algum modo não tem lugar na África. Eu diria que o modernismo tem sido incorretamente entendido como modernidade. Mesmo assim, conheço muito poucas “coisas modernas” que não afetam a África e que a África não afeta. O modernismo deveria ser um bom exemplo histórico. Não consigo ver a África como um continente essencialmente diferente, que não possa ou não deva participar da modernidade. Em termos de estilos de pintura e de como lidar com o papel do artista, o modernismo teve uma influência revolucionária na arte etíope graças ao intercâmbio cultural artistas como Skunder Boghossian e Gebrekristos Desta e a Europa. E só para deixar claro, o intercâmbio cultural além de suas fronteiras não foi apresentado à África por seus colonizadores. Idéias viajam, às vezes cuspimos, às vezes engolimos. Será que os artistas africanos deveriam cuspir o modernismo? Sim, acho que eu gostaria disso.

Os críticos costumam associar seu trabalho a sua biografia, ao fato de você ter um pai etíope e uma mãe sueca. Você acha esta questão realmente importante ou é um tipo de rótulo? Eu cavo debaixo de meus pés; é fácil rastrear-me em minha obra, mas minha obra não é biográfica, portanto sim, acho que é um beco sem saída. A noção de nacionalidade é um inimigo poderoso.

Às vezes seu trabalho tem um enfoque antropológico... Sempre considerei antropólogos uma peste, mas eu também estudo ciências humanas e nós compartilhamos uma ênfase na relatividade cultural e no exame do contexto. Em *Minor field study* [Estudo de campo menor] (2004), fiz minha contribuição às comparações transculturais na forma de uma tradução cultural bastante brutal baseada em material de pesquisa filmado pelo antropólogo congolês Billy Marius. Quando me pediram para escrever sobre *Minor field study*, fiz um texto chamado *The allegory of the cock* [A alegoria do galo], que não tem nada a ver com antropologia, mas fala de um cego, de referencial e enquadramento, e de epistemologia.

[Helouise Costa and Lisette Lagnado] Would you assert that *White women* (2002) is more about sexism or more about racism? I'd say racism, but then again I usually mix things up. Who said that “woman is the nigger of the world”? A white man, wasn't it?

Is modernism a false question for African artists? I'm not sure I know what you mean by modernism as *a question...* But o.k., maybe your question suggests that modernism is an European reaction to an European context and therefore somehow does not belong in Africa? I'd say modernism has been wrongly perceived as modernity. Still, I know of very few “modern things” that do not affect Africa and that Africa does not affect. Modernism should be a good historical example. I can't see Africa as some essentially different continent that does not, or should not as such, take part in modernity. Modernism, in terms of painting styles and how you approach your role as an artist, had a revolutionary influence in Ethiopian art due to the cultural exchange between artists such as Skunder Boghossian and Gebrekristos Desta with Europe. And for the record, cultural exchange beyond its borders was not introduced to Africa by its colonizers. Ideas travel, sometimes we spit, sometimes we swallow... Should African artists spit out modernism? Yes, I think I'd like that.

Critics frequently link your work to your biography, to the fact that you have an Ethiopian father and a Swedish mother. Do you think it's really a main question or a kind of label? I dig where I stand, it's plain to trace me in my work but my work is not biographical, so yes, I think it's a dead end. The notion of nationality is a powerful enemy...

Sometimes your work has an anthropological approach... I've always considered anthropologists a pest but I do study Humanity and we share an emphasis on cultural relativity and examination of context. In the video installation *Minor field study* (2004) I've made my contribution to cross-cultural comparisons in the form of a pretty brutal cultural translation based on research material filmed by the Congolese anthropologist Billy Marius. When I was asked to write about *Minor field study* I wrote a text called *The allegory of the cock* which is not at all about anthropology, it's about a blind man, frame of reference and epistemology.